

Identidade e Diferença em *Menina bonita do laço de fita*

RESUMO

O presente trabalho visa à análise do livro infantil *Menina Bonita do Laço de Fita* (2001), da escritora Ana Maria Machado, tendo como ponto de reflexão os estudos de Munanga, Stuart Hall, Goffman e Bakhtin, entre outros. Recorre-se aos estudos sobre identidade e diferença a partir da análise das relações étnico-raciais, relações de gênero e classe dentro uma perspectiva histórico-social. Aponta para a desconstrução do mito da democracia racial no Brasil como um dos principais caminhos para a construção de uma identidade cultural calcada no respeito à diversidade étnica.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Diferença. Preconceito. Alteridade.

Fatima Sabrina Rosa

sabrina.rosa@hotmail.com

Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Bárbara Jucele Rosa

barbarajucele@hotmail.com

Secretaria de Estado do Rio Grande do
Sul, São Leopoldo, Rio Grande do Sul,
Brasil.

INTRODUÇÃO

O livro *Menina Bonita do Laço de Fita* (2001), de Ana Maria Machado, conta a história de uma menina negra e de um coelho branco que sonha em ter uma filha bem pretinha tal qual a menina. No seu blog pessoal, Machado revela que o livro não foi inspirado numa menina negra, mas na filha da escritora, que era bem branquinha. Tampouco a autora tinha a pretensão de colocar em evidência os problemas histórico-sociais do Brasil. Entretanto, na obra *Literatura e Sociedade*, Candido (2000, p.20) revela que

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles sentimentos dos valores sociais.

A literatura infantil contemporânea apresenta um texto aberto a múltiplas leituras e é (provavelmente) por isso que a menina bonita do laço de fita gerou discussões em que ora foi visto como aliado na construção de uma sociedade de respeito à diferença, ora (visto) como aliado da parcela racista, acusado de fomentar o mito da democracia racial através da positividade da mestiçagem. Esse paradoxo ideológico, talvez, possa começar a ser entendido se levarmos em conta o que Munanga (2004, p. 29) diz:

O racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e ante-racistas.

A compreensão de como se dá a representação da diferença no texto de Ana Maria Machado perpassa as abordagens, nos estudos atuais, sobre a identidade e a identificação. Nesse sentido, a análise de uma individualidade ou de uma coletividade pressupõe a noção de alteridade. É a partir do contato com o outro que se constitui a identidade.

Para melhor entender como essas relações étnico-raciais, relações de gênero e de classe, representadas pelos personagens (coelho – menina – mãe da menina) se constituem elementos essenciais para se pensar na construção de uma nova identidade étnico-cultural, este estudo divide-se em três temas: Racismo e etnias, Gênero e miscigenação e O cômico em *Menina bonita do laço de fita*.

REFLEXÕES SOBRE RACISMO E ETNIA

Para iniciar a abordagem sobre as questões étnico- raciais em *Menina bonita do laço de fita*, é interessante partir do conceito de raça conforme a definição extraída de Johnson (1997, p.188):

Raça tem sido frequentemente definida como um agrupamento, ou classificação, baseado em variações genéticas na aparência física, sobretudo na cor da pele. A maioria dos sociólogos (e biólogos) contesta a ideia de que raça biológica seja um conceito que signifique alguma coisa, em especial em virtude do imenso volume de cruzamentos, que ao longo da história, caracterizou a população humana

Dessa forma, o conceito de raça, do ponto de vista biológico, não existe. O que existe é um conjunto de categorias que fundamentam as desigualdades sociais.

O fato do racismo não precisar mais do conceito de raça biológica não apaga de uma hora para outra o fantasma da supremacia racial, isto porque, no imaginário popular da sociedade contemporânea, a classificação hierarquizante de raça ainda sobrevive. Ao atrelarem características biológicas a uma escala de valores morais, psicológicos, os naturalistas dos séculos XVII e XIX desembocaram numa teoria pseudocientífica que serviu (e serve) para legitimar os sistemas de dominação. Assim sendo, criou-se um regime de verdades que, apoiado ora por repressões físicas (o tratamento a que os órgãos de controle social submetem os indivíduos negros), ora por repressões simbólicas (a ausência de referenciais do negro numa cultura), empurrou cada vez mais o negro para a base da pirâmide social, enquanto o branco foi colocado no topo.

Assim os indivíduos de raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função das suas características físicas e hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc, que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. (MUNANGA, 2004, p.21)

Mas o nosso coelho branco nada entende dessas questões. Para ele a menina era “a pessoa mais linda que ele já tinha visto em toda a vida” (MACHADO, 2001, p.3). Nesse caso, pode-se pensar que a obra de Ana Maria Machado inverte a pirâmide social, colocando no topo aqueles que estiveram (ou estão) na base da pirâmide: as mulheres (negras e pardas) e seus filhos, sobretudo suas filhas. O texto, então, trabalha na contracorrente, porque, na posição de subalterno, relegada ao negro, está o coelho branco enquanto a menina ocupa uma posição de destaque justamente pela cor e pelos traços de origem negra:

Era uma vez uma menina linda, linda.
Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.
Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite.

A pele era escura e lustrosa, que nem
pelo da pantera-negra quando pula na chuva. (2001, p.3)

A descrição da menina vai contra tudo o que a sociedade define como belo e bom, já que, no imaginário popular, está introjetada a imagem do negro como símbolo de feiura e demonização. O texto permite que nos coloquemos no lugar do outro. Podemos então refletir sobre a imagem inferiorizada, depreciativa que a sociedade branca criou e que, ao longo dos séculos, se tornou mais um mecanismo poderoso de opressão. Reconhecer esses mecanismos ideológicos implica em perceber que os grupos dominantes costumam estabelecer sua hegemonia inculcando uma imagem inferiorizada nos grupos dominados. O texto da (Machado) autora reformula essa imagem ao torná-la positiva.

Se, na década de 1970, as teorias de hierarquia de raça foram perdendo o fôlego, graças aos estudos da genética, da bioquímica e da biologia molecular, em contrapartida, surge o racismo contra a mulher, contra o negro, contra os homossexuais, contra tudo o que não se mostrar como normal. O racismo apresenta, então, uma outra face: a do estigma.

Dos estudos de Goffman (2008), um dos mais importantes trata da noção de estigma, fundamental como aporte para observações das interações. Segundo o autor, a palavra estigma era utilizada pelos gregos como referência a alguma marca corporal que indicasse inferioridade, mas atualmente o termo se refere a algum “defeito” ou “marca” não relativa ao corpo, mas a algum signo que possa ser visto como inferiorizante para o indivíduo, que faça com que ele seja avaliado como menos capaz. Goffman afirma que as sociedades têm o poder de estabelecer categorizações sobre o que é e o que não é normal. Dessa forma, desqualifica alguns indivíduos que não estejam adequados ao padrão de normalidade estabelecido. Esses indivíduos estigmatizados servem como medida para confirmar a “normalidade” dos outros. Quando pessoas com estigma se encontram com pessoas normais, o contato imediato faz com que o estigma seja percebido como um traço de identidade social, e cria-se, a partir dessa percepção, uma “suposta normalidade”.

Nesse sentido, o estigma aparece como um defeito que coloca a pessoa em descrédito. Então, é necessário um controle da tensão, certo manejo da situação entre o desacreditado e o normal. É possível ocorrer um esforço para que o estigma não apareça muito com o objetivo de reduzir a tensão provocada pelo contato direto. É o que o autor chama de acobertamento. Trata-se do cuidado em restringir a exibição de traços identificadores do seu estigma.

Esse tipo de acobertamento, deve-se acrescentar, é um aspecto importante das técnicas assimilativas empregadas por membros de grupos étnicos minoritários como a troca de nome e a operação plástica do nariz não são só encobrimento, mas também a restrição da forma pela qual um atributo se coloca no centro das atenções, porque essa colocação aumenta as dificuldades de se desviar a atenção do estigma (GOFFMAN, 2008, p. 114).

Goffman compreende o processo de estigmatização também como dependente da alteridade. É na interação dos indivíduos que o estigma é

concebido e é nela que estabelece seus efeitos revelando, portanto, seu caráter estritamente interacional.

Levando em conta o desejo do coelho de ter uma filha pretinha e observando a ilustração da capa, onde aparece o coelho cheio de corações em volta, pode-se imaginar que este está apaixonado pela menina e, por isso, deseja ser negro como ela para, assim, merecer a sua atenção. As estratégias sugeridas pela menina e que o coelho segue à risca para conseguir ficar negro parecem fazer analogia ao acobertamento, ao esforço dos grupos inferiorizados em mascarar os traços que denunciam a sua suposta anormalidade para com isso pertencerem a outros grupos sociais e obterem vantagens sociais. Um exemplo disso é o que acontece com um indivíduo para quem, a fim de alcançar um emprego melhor, com um bom salário, não basta que tenha um diploma, fale inglês, seja honesto, responsável...; é necessário ter “boa aparência”. E ter “boa aparência” subentende “ser” ou chegar o mais perto possível do estereótipo europeu: magro, loiro, alto, de olhos claros e cabelo liso.

O acobertamento implica a amenização do preconceito e, por conseguinte, a possibilidade de ascensão social. Para isso, os membros dos grupos minoritários precisam renegar o seu passado, a sua ancestralidade.

Quando o narrador repete três vezes a frase “A menina não sabia, mas inventou” (p.8, 10,11), este “não saber” pode decorrer não só do fato da menina ser uma criança, mas também do reconhecimento de que os negros e afrodescendentes não se apropriaram da sua história porque esta foi, durante séculos, (e ainda continua sendo) silenciada. Daí o coelho branco insistir tanto para descobrir qual era o “segredo”. Afinal ouvimos histórias de pessoas orgulhosas da sua origem alemã, italiana, portuguesa, enquanto as histórias negras parecem não existir. E quando estas histórias emergem, estão dentro de um discurso que coloca falas e contribuições dos negros e indígenas atreladas ao passado. “Assim, o negro fica restrito à cultura negra, entendida como folclórica, passada, que tem que ser preservada, mas que não tem relação com a vida e as lutas políticas atuais dos negros” (COSTA, 2009, p.101). O negro é sempre o “outro”.

Gênero e mestiçagem

Um dos pontos polêmicos do texto de Ana Maria Machado é a questão da miscigenação, representada pela mãe da menina, uma “mulata linda e risonha”, (p.15) e pelos filhos do coelho branco e da coelha preta:

Tinha coelho pra todo gosto: branco
bem branco, branco meio cinza, branco
malhado de preto, preto malhado de
branco e até uma coelha bem pretinha. (2001, p.21)

Ao lermos estes dois trechos da história, pode parecer que a visão positiva da mestiçagem esteja a favor da ideologia da identidade nacional, uma vez que “a ideologia da identidade nacional brasileira é marcada pela ideia de mistura, de miscigenação, representada como integradora e homogeneizadora da nação” (COSTA, 2009, p.97). No entanto, acreditamos que ocorre o contrário: trazer uma imagem positiva significa reconhecer que é preciso abrir espaços para o

resgate e para a valorização das culturas minoritárias como parte na formação da sociedade de ontem, de hoje e de amanhã.

Segundo Costa (2009, p.97), “a miscigenação racial no país é muitas vezes citada como prova da democracia racial brasileira, ou como antídoto do racismo”. O mito da democracia racial que se apoia na mistura de raças como base para afirmar que no Brasil não há racismo, esconde que essa miscigenação se deu pela exploração sexual das negras e índias pelos homens brancos. Esconde também que essa positivação da miscigenação teve como objetivo o branqueamento da sociedade. Conforme a autora, a ideia de miscigenação aparece vinculada de forma ambígua à formação do Brasil. Por um lado, aparecem as teorias de autores como Rodrigues (1938), que veem a mestiçagem como um híbrido desordenado de raças, no qual as potencialidades intelectuais e evolutivas (próprias dos brancos, segundo o autor) entrariam em choque com o nível estável de involução em que índios e negros estariam. Assim, a miscigenação aparece como a desgraça do país que estaria fadado ao subdesenvolvimento em função da sua natureza mestiça. Por outro lado, a miscigenação aparece como redentora de nosso país e como ícone da identidade nacional. Pela mistura das três raças, o tipo brasileiro teria seu sangue progressivamente “purificado” ao longo de gerações, isso porque os traços europeus tenderiam a sublimar os traços indígenas e africanos considerados mais débeis.

Por esse último viés da fábula da miscigenação, a contribuição negra bem como a indígena aparecem como importantes na formação do país, mas desconsideráveis posteriormente. Além disso, a ideia de mestiçagem sempre pressupunha que os filhos nasceriam de homens brancos, os quais seriam responsáveis por sublimar o sangue dos considerados inferiores, com mulheres negras e indígenas. A própria ideia de mestiçagem está associada à figura feminina como receptáculo dos genes dominantes dos europeus e cuja sensualidade possibilitaria a relação inter-racial. Assim, as raças não brancas ficam vinculadas à ideia de fertilidade e promiscuidade, enquanto a raça branca estaria vinculada à virilidade, à propensão intelectual e ao progresso supostamente associado aos elementos masculinos ocidentais.

No texto de Machado, a contribuição racial parece parcialmente desconstruída, uma vez que a fertilidade é associada ao elemento branco (o coelho); a beleza e a alegria parecem associadas à mãe da menina, e a inteligência e inventividade estão representadas na menina negra.

O CÔMICO NA MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

Para tentar entender como o cômico está representado na obra, é preciso levar em consideração as ilustrações de Claudius. A ilustração, “como linguagem visual, dialoga com o texto escrito e acrescenta sentidos, contando também uma história ou fazendo-se poema” (AGUIAR et al, 2001, p.64). Analisando texto e imagem, podemos identificar um caráter carnavalesco. Segundo Discini (2006: p.84), a carnavalização se apresenta como movimento de desestabilização, subversão e ruptura em relação ao “mundo oficial”, seja este pensado como antagonico ao grotesco criado pela cultura popular da Idade Média e Renascimento, seja este pensado como modo de presença que aspira à transparência e à representação da realidade como sentido acabado, uno e

estável, o que é incompatível com a polifonia”. Para a autora, a carnavalização é uma “categoria que pode ser depreendida e analisada nos textos de qualquer época” (2006: p.90) Nesse sentido, podemos dizer que o mundo oficial seria a hegemonia da cultura eurocêntrica e de todas as questões que imbricam a sua manutenção dentro da sociedade, as quais vimos analisando ao longo do texto. A desconstrução dessa hegemonia pode ser percebida se observarmos com atenção o riso sério na obra. O riso sério vai aumentando devido às situações ridículas às quais a menina expõe o coelho:

O coelho saiu dali, procurou uma
lata de tinta preta e tomou banho nela.
Ficou bem negro, todo contente.
Mas aí veio uma chuva e lavou
todo aquele pretume,
ele ficou branco
outra vez. (2001, p.9)

A ilustração mostra o coelho negro; depois, mostra-o novamente branco e desesperado por causa da chuva:

O coelho saiu dali e tomou tanto
café que perdeu o sono e passou a noite
toda fazendo xixi.
Mas não ficou nada preto. (2001, p.11)

Novamente o uso de duas imagens: na primeira, o coelho tomando muitas xícaras de café e, na segunda, o coelho sentado no vaso:

O coelho saiu dali e se
empanturrou de jabuticaba
até ficar pesadão, sem conseguir
sair do lugar. O máximo que
conseguiu foi fazer muito cocozinho
preto e redondo feito jabuticaba. (2001, p.13).

Nesse trecho o coelho aparece de barriga inchada e observando, no vaso, os seus cocozinhos.

Como podemos perceber, a ilustração, em cada um desses trechos, cumpre duas funções: a de narrar uma ação e a de expressar emoções, nesse caso, a frustração do coelho pelas tentativas fracassadas.

O conjunto de texto e imagem rebaixa o corpo do coelho, que representa o elemento branco, tornando-o grotesco. Essa imagem grotesca entra em confronto porque desconstrói a representação do branco como ideal de perfeição, para a qual “se apagam protuberâncias, tapam-se orifícios, retiram-se excrescências, abstraem-se imperfeições” (DISCINI, 2006, p. 63). Percebemos a

inversão de papéis, a permuta, uma vez que a sujeira e a condição animalasca atribuídas ao negro são transferidas para o branco. O acobertamento que os descendentes das culturas minoritárias fazem para minimizar os traços que denunciam o estigma é transferido para os brancos. A inteligência, a inventividade, a beleza, que sempre estiveram em poder só da cultura eurocêntrica, passam para as culturas minoritárias. Podemos dizer que o caráter carnavalesco da obra reside aí nesse “desbranqueamento”. Os estereótipos negativos estão para os brancos, enquanto os estereótipos positivos, para os negros.

As ilustrações de Claudius reforçam essa inversão porque mostram uma menina de olhar vivo que está sempre em movimento: dançando, lendo, brincando, desenhando, enquanto o coelho aparece diante dela numa posição contemplativa e servil. Além disso, na maioria das páginas, o coelho é representado como sendo menor que a menina.

O caráter carnavalesco fica claro na obra porque segue a lógica da cultura popular na qual “os grandes são destronados, os inferiores são coroados” (DISCINI, 2006, p.55). O texto dialoga também com a cultura popular na medida que evoca a parlenda “menina bonita com quem você deseja se casar loiro, moreno, negro, sarará”. No entanto, há uma quebra no ritmo devido à ausência da rima nas palavras fita/pretinha, proposto pelo quase refrão *Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?* E essa quebra de ritmo também remete a uma quebra nas estruturas da sociedade, uma quebra, parafraseando Hall (2011, p.108), de um eu coletivo que estabilizou, fixou e garantiu uma “unidade” imutável que se sobrepôs “a todas as outras diferenças”. Em contrapartida, a musicalidade favorece a concepção de que as identidades estão sempre em movimento, em processo de transformação, e a memorização funciona como um mecanismo formador de uma nova ordem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi dito no início do presente artigo, o texto em estudo já foi acusado de fomentar o mito da democracia racial por apresentar uma imagem positiva da mestiçagem. Essa positividade não significa incitação ao conformismo, nem tampouco revela uma visão reducionista do que representa a miscigenação no país; pelo contrário, o que parece estar sendo proposto é um reconhecimento de que é preciso problematizar na nossa história as imagens depreciativas e abrir espaços para o resgate da cultura negra (e indígena) não como algo exótico, mas como uma cultura que é partilhada e que anseia pelo reconhecimento.

Através do diálogo entre o coelho e a sua amiguinha, não só se abre o espaço para essas histórias silenciadas, como se mostra que as culturas, as identidades não se constituem isoladas, elas são, antes de tudo, compartilhadas.

Além disso, o caráter carnavalesco reside no fato de que o texto de Ana Maria Machado e as imagens criadas por Claudius apresentam uma multiplicidade de vozes: vozes brancas resistentes à mudança; vozes negras exigindo seus direitos; vozes brancas e negras (e de todas as minorias) que se mostram solidárias na construção de uma democracia real calcada no diálogo e no profundo respeito às diferenças.

O coelho e a menina não moram um em frente ao outro, não moram um acima do outro, eles moram ao lado. E isso parece simbolizar que identidade e diferença caminham juntas reforçando a necessidade de horizontalização de quaisquer relações sociais no contexto brasileiro.

Da *Menina bonita do laço de fita* até as princesas das “Terras da África”, temos uma longa viagem de volta, na qual a cultura eurocêntrica tem muito para aprender sobre os valores civilizatórios revelados nos mitos de fundação africanos.

Identity and Difference in *Menina Bonita do Laço de Fita*

ABSTRACT

The current work aims on the analysis of the children's book "Menina Bonita do Laço de Fita", written by Ana Maria Machado, based on the studies of Munanga, Stuart Hall, Goffman and Bakhtin, among others. The studies about identity and difference are used based on the analysis of ethnic and racial relations and on analysis of gender and class inside a social-historical perspective. The research leads to a deconstruction of the racial democracy myth in Brazil as one of the main paths to the construction of a cultural identity built on the respect to ethnical diversity.

KEYWORDS: Identity. Difference. Prejudice. Otherness.

REFERÊNCIAS

AGUIAR et al (Org.). **Era uma vez na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Queroz, 2000.

COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. In: **Sociologias**. Janeiro/junho de 2009. Ano 11, n. 21.

DISCINI, Norma. Carnavalização. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: TC, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático de linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Ilustração de Claudius, São Paulo, Ática, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: OLIVEIRA, Iolanda (Org.). Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. **Cadernos PENESB**. Niterói, EdUFF, n.5, p.15-34, 2004.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

Recebido: 21 nov. 2016

Aprovado: 03 jun. 2017

DOI: 10.3895/rl.v19n24.5056

Como citar: ROSA, Fátima Sabrina; ROSA, Bárbara Jucele. Identidade e diferença em Menina bonita de laço de fita. R. Letras, Curitiba, v. 19, n. 24, p. 72-83, mar. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

